



Vivências do luto sob a ótica de práticas religiosas distintas

Experiences of grief from the perspective of different religious practices

Mariana Ducatti¹

Nicole Lima Souza²

Resumo: O artigo analisa como o significado do luto e suas formas de expressão variam conforme as práticas espirituais do enlutado. O objetivo consiste em explorar vivências de perda sob a ótica de diferentes experiências relacionadas à religiosidade, com ênfase nos impactos da religião e dos rituais fúnebres no processo de enfrentamento à morte. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo descritivo e exploratório, no qual 57 adultos brasileiros responderam a um questionário online sobre experiências subjetivas acerca da finitude. Os resultados evidenciam que crenças religiosas e rituais favorecem, majoritariamente, a elaboração do luto, embora possam gerar sofrimento adicional em contextos específicos de pressão dogmática, principalmente a depender da fase do luto vivenciada. Conclui-se que os rituais atuam como ferramentas simbólicas essenciais para o auxílio à perda, ajudando na adaptação psíquica do enlutado.

Palavras-chave: Luto; Religião; Rituais Fúnebres; Psicologia.

Abstract: This article analyzes how the meaning of grief and its forms of expression vary according to the spiritual practices of the bereaved. The objective is to explore experiences of loss from the perspective of different experiences related to religiosity, with an emphasis on the impacts of religion and funeral rites on the process of coping with death. Methodologically, this study is descriptive and exploratory study, in which 57 Brazilian adults answered an online questionnaire about subjective experiences related to human finitude. The results show that religious beliefs and rituals largely favor the elaboration of grief processing, although they may generate additional suffering in specific contexts of dogmatic pressure, mainly depending on the stage of grief the individual is experiencing. It can be concluded that rituals act as essential symbolic tools to aid in the grieving process, helping in the psychological adaptation of the bereaved individual.

Keywords: Grief; Religion; Funeral Rituals; Psychology.

Introdução

Quando o indivíduo vivencia a perda de alguém ou de algo significativo, ele pode vivenciar o chamado processo de luto. Conforme afirma Parkes (1998, p. 17), o luto é “o preço que pagamos pelo amor”; assim, esse é um processo resultante de uma perda,

¹ Doutora em Ciências pela USP/RP. ORCID : <https://orcid.org/0000-0002-1774-3922>. Lattes : <https://lattes.cnpq.br/9609462844838634>. E-mail: marianaducatti@unibarretos.com.br.

² Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Barretos. ORCID : <https://orcid.org/0009-0000-1467-0433>. Lattes : <https://lattes.cnpq.br/2915258625548323>. E-mail : nicole.souza@faculdebarr etos.com.br.



que a maioria das pessoas, inevitavelmente enfrentarão ao longo da vida. Embora não seja um fenômeno de caráter genérico, uma vez que a experiência da perda compreende sentidos singulares a cada indivíduo, o luto pode ser explicado à luz de diversas teorias.

Para Kübler-Ross (2008), as *Fases do Luto*, por exemplo, propõem que o enlutado poderá vivenciar momentos de negação, em que não acreditará na realidade³; raiva⁴, em que expressará seus sentimentos com revolta ou ressentimento; barganha⁵, na qual fará um pedido àquela divindade em que acredita a fim de obter algo; tristeza⁶, em que expressará o profundo pesar da perda; e aceitação⁷, na qual vivenciará a nova realidade. Tais expressões são dinâmicas, podendo o indivíduo viver ou não todas as fases e experienciá-las em uma ordem particular, segundo a sua história de vida e o vínculo com o falecido.

Ademais, tal processo é composto por uma série de práticas, papéis, hábitos, crenças e habilidades que podem ser compartilhados socialmente. Ao longo da história, assim como nos tempos atuais, a compreensão acerca das expressões do processo de luto foi e é estabelecida pelo entorno social, o que tem limitado o fenômeno da perda a uma perspectiva dicotômica a respeito do normal ou patológico (Freitas, 2018, p. 15-16).

No DSM-4 (APA, 1994, p. 543), o luto foi apresentado como critério de exclusão para o diagnóstico do Transtorno Depressivo Maior, mas apenas nos casos em que a manifestação dos sintomas depressivos ocorresse dentro de dois meses após a perda. Contudo, no DSM-5 (APA, 2013, p. 161), o luto deixou de ser um critério de exclusão para o diagnóstico do Transtorno Depressivo Maior, possibilitando que enlutados também pudessem ser diagnosticados com tal transtorno e que uma condição não anulasse a outra. A Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2013, p. 789) também inseriu o que chamou de “Transtorno do Luto Complexo Persistente” no capítulo “Condições para Estudos Posteriores”. Entretanto, é importante ressaltar que, apesar da classificação médica do luto, que favorece a articulação na esfera biomédica, esse é um fenômeno dinâmico e complexo, que perpassa a individualidade de cada pessoa e, por isso, deve ser interpretado com base na história de vida de cada indivíduo (Dalgalarondo, 2019, p. 16).

³ (Kübler-Ross, 2008, p. 43)

⁴ (Kübler-Ross, 2008, p. 55)

⁵ (Kübler-Ross, 2008, p. 87)

⁶ (Kübler-Ross, 2008, p. 91)

⁷ (Kübler-Ross, 2008, p. 117)



Embora a necessidade de pesquisas em relação ao luto tenha sido afirmada no manual supracitado, a delimitação de expressões do luto ainda persiste, tanto na prática clínica quanto no contexto sociocultural. Conforme discutido por Kóvacs (2020, p. 10), existe um padrão que o enlutado deve seguir, uma espécie de “etiqueta social” que determina a intensidade e o tempo de manifestações diante da perda, o que, por sua vez, desconsidera as singularidades dos processos de luto e contribui para a patologização desse fenômeno.

Colin Parkes (1998, p. 109-111) chamou de “transição psicossocial” o processo que o enlutado enfrenta ao precisar reformular seu modelo interno de mundo diante da mudança irreversível do mundo concreto, atribuindo novos sentidos e significados aos seus pensamentos e estabelecendo novos hábitos que antes estavam intimamente relacionados à existência daquele que faleceu. O referido autor também menciona que o enlutado, ao lidar com a construção de uma nova identidade, questiona o sentido da vida e perde a confiança na própria segurança, pois já não pode recorrer às concepções de mundo seu interno que antes lhe eram automáticas.

Segundo Casellato (2020b, p. 24), essa reorganização de recursos internos do enlutado para lidar com o sofrimento que lhe foi imposto exige tempo para que ele possa ser elaborado, uma vez que a atribuição de novos sentidos e significados não se encerra, mas continua se transformando. No entanto, como o indivíduo faz parte de uma sociedade que preza pela força e praticidade, nem sempre o enlutado consegue elaborar o luto, o que pode ocasionar comportamentos disfuncionais e autodestrutivos (Kóvacs, 2020, p. 11). Já Rosenblatt (1988, p. 69) explica que a definição de luto varia conforme a cultura e que as formas pelas quais o enlutado pensa e age diante da perda também refletem essas diferenças culturais. Logo, se é socialmente esperado que o indivíduo chore diante de uma perda, não há como definir com exatidão onde começa ou termina a influência de demandas culturais sobre as formas de expressão do luto.

Ao longo da história de sociedades ocidentais, o luto por morte sempre foi expresso como uma forma de honrar o falecido, mas também como uma maneira que o enlutado encontrou de lidar com o terror em relação à finitude (Kovács et al., 1992, p. 28-35). Embora cada cultura tenha diferentes formas de lidar com o processo de luto, a grande maioria compartilha a intenção de superar e derrotar a morte, relacionando-se com o pensamento trazido por Kovács et al. (1992, p. 39) de que atualmente “[...] há uma



supressão do luto, escondendo-se a manifestação ou até mesmo a vivência da dor [...] pois a sociedade não suporta enfrentar os sinais da morte”.

Conforme discutido por Souza e Souza (2019, p. 3-5), os rituais fúnebres, como uma das formas de elaboração do luto por morte, são carregados de significados simbólicos que proporcionam segurança ao enlutado por meio da reafirmação de seu pertencimento a uma cultura que o ampara com práticas que lhe são familiares e que amenizam o estado de desorganização.

Franco (2021, p. 151) sustenta que a privação de práticas culturais durante a pandemia de Covid-19, como rituais fúnebres, gerou nos enlutados um senso de fracasso devido à falta de uma cerimônia que pudesse proporcionar honrarias ao falecido, causando também uma sensação de falta de pertencimento e dificuldade na elaboração do luto. A autora ainda menciona que os aspectos simbólicos de uma cultura têm tanto valor quanto os aspectos concretos, e que, diante de formas culturalmente estabelecidas de pensar, sentir e agir, o enlutado pode enfrentar a falta de reconhecimento ou a invalidação de seu luto quando não vivencia esse processo de maneira culturalmente esperada.

Portanto, diante da influência indissociável de aspectos socioculturais sobre as formas de expressão e elaboração do luto, o presente trabalho justificou-se pela necessidade de ampliar perspectivas acerca das diversas formas de lidar com o fenômeno da perda, analisando os impactos das práticas religiosas nas vivências e percepções relacionadas ao luto. Nesse sentido, o objetivo geral deste trabalho foi explorar como diferentes indivíduos compreendem e vivenciam o luto, analisar os impactos da religião e das práticas ritualísticas no processo de enfrentamento do luto. Os objetivos específicos, por sua vez, foram: (a) identificar padrões e temáticas recorrentes nas respostas quantitativas e qualitativas acerca do processo de luto, através de cálculos e processos de categorização; (b) analisar a relação entre aspectos sociodemográficos e as vivências de enfrentamento do luto; (c) analisar e comparar os impactos da adesão a práticas religiosas nas vivências de enfrentamento do luto; e (d) analisar e comparar as fontes e formas de apoio às vivências de enfrentamento ao luto.



1. Classificação da pesquisa

O presente trabalho foi caracterizado como um estudo empírico e transversal, incorporando os delineamentos descritivo e comparativo nos processos de levantamento e análise dos dados obtidos (Gil, 2019, p. 3-56; Marin et al., 2021, p. 4-5).

2. Participantes da pesquisa

Participaram deste estudo 57 pessoas adultas brasileiras. A amostragem foi por conveniência, portanto, o cálculo amostral não foi necessário, uma vez que houve utilização de um método não probabilístico (Gil, 2019, p. 107).

3. Instrumentos e procedimentos

Para esta pesquisa, utilizou-se um formulário online, que por sua vez foi dividido em duas partes: a primeira referente ao *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* e a segunda composta por um questionário estruturado com 13 perguntas, tanto objetivas quanto dissertativas. Destas, seis eram de caráter sociodemográfico e sete buscavam contemplar experiências subjetivas associadas à religiosidade no enfrentamento do luto. Ademais, para o estudo foram utilizados equipamentos tecnológicos, aplicativos e softwares específicos para coleta e o armazenamento de dados.

4. Critérios de elegibilidade

Os critérios de elegibilidade utilizados foram: (a) adultos com idade igual ou superior a 18 anos, (b) de ambos os sexos, (c) que tenham vivenciado um processo de luto por morte; e (d) adeptos e praticantes de uma religião específica. Já os critérios de exclusão foram: (a) pessoas que estivessem enfrentando ou que tivessem enfrentado um processo de luto por morte há menos de seis meses e (b) impossibilidade de acesso a recursos on-line.

5. Riscos e benefícios

Os possíveis riscos aos participantes desta pesquisa incluíram: desconforto emocional decorrente da reflexão sobre a experiência da perda e o eventual vazamento de dados sensíveis. Assim, para mitigar esses riscos, foi explicitado aos participantes que eles poderiam desistir de colaborar com a pesquisa a qualquer momento, sem que lhes



fossem imputadas quaisquer consequências. E, para garantir o sigilo e preservar o anonimato do (a) participante, apenas as pesquisadoras tiveram acesso às respostas do questionário online, que foi excluído irreversivelmente da plataforma *Microsoft Forms* após o fim da coleta de dados. Ademais, as informações obtidas foram armazenadas em arquivo criptografado com senha. Esta pesquisa não ofereceu benefícios diretos aos participantes, no entanto, as informações e resultados obtidos puderam contribuir para uma compreensão mais abrangente e culturalmente sensível das diversas formas de vivenciar o processo de luto.

6. Coleta dos dados

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa com Seres Humanos e, após a aprovação do trabalho (CAAE: 86277725.8.0000.0329), a pesquisa foi iniciada. Os participantes foram convidados individualmente, e, ao aceitarem o convite, recebiam, por meio das pesquisadoras e de forma on-line, o link de acesso ao formulário.

7. Análise dos dados

Após o término da coleta de dados, as respostas do questionário foram transpostas e tabuladas em uma planilha, possibilitando a identificação de padrões quantitativos nas respostas objetivas, evidenciados por meio da análise das frequências absolutas e relativas obtidas. As respostas descritivas, por sua vez, foram analisadas à luz da teoria de Bardin (2011, p. 57-72), que propõe a categorização de temas mencionados pelos participantes em todas as respostas. A quantidade de menções a cada categoria foi quantificada por meio do cálculo de frequência relativa. As frequências dos dados objetivos, a categorização dos temas mencionados de forma recorrente pelos participantes e as frequências dos dados dissertativos possibilitaram a identificação de padrões e discrepâncias, além de propiciarem reflexões acerca das relações entre práticas religiosas fúnebres e formas de enfrentamento do luto.

8. Resultados

Esta pesquisa procurou evidenciar os impactos da religião e das práticas ritualísticas no processo de enfrentamento da perda, com o intuito de ampliar perspectivas



e propiciar reflexões acerca das influências de variáveis sociodemográficas sobre as maneiras de enxergar e manejar o luto. Os dados apresentados a seguir refletem os resultados da coleta realizada por meio de questionário estruturado.

Inicialmente, o número de participantes almejado para essa pesquisa era de 100 (cem) pessoas. No entanto, as pesquisadoras encontraram dificuldades de recrutamento para alcançar esse tamanho amostral; e 58 (cinquenta e oito) respostas foram registradas no formulário. Considerando os critérios de elegibilidade, um dos respondentes foi excluído por sinalizar que não havia vivenciado a perda de um familiar ou de alguém próximo. Embora outro participante tenha declarado não seguir uma religião específica, seu formulário foi mantido na amostra uma vez que ele praticava uma religião à época da perda, totalizando 57 (cinquenta e sete) respostas efetivamente analisadas.

O público alcançado por esta pesquisa incluiu pessoas com idades entre 18 e 71 anos, resultando em uma média de idade de 23,3 anos. Os perfis sociodemográficos predominantes foram compostos por participantes brasileiros, majoritariamente do gênero feminino, solteiros e com ensino superior incompleto, conforme evidenciado na Tabela 1.

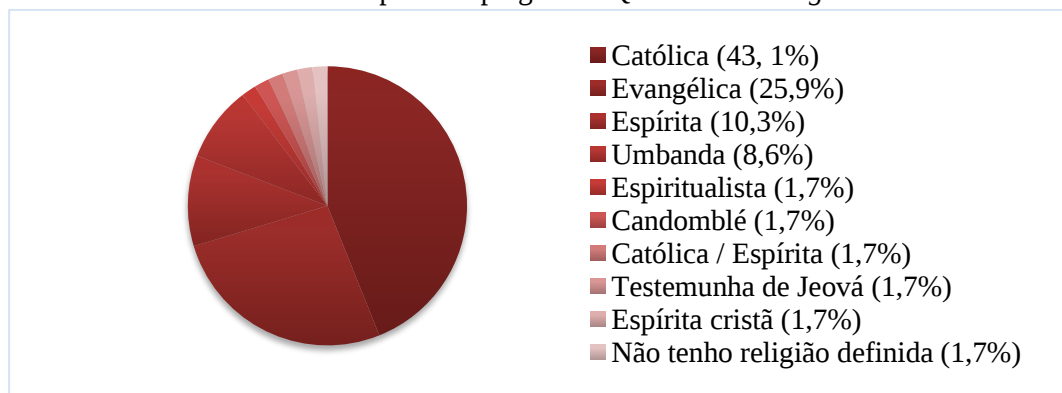
Tabela 1 – Dados sociodemográficos

Questão	Opções de Respostas	Resultado
Gênero	Feminino	49 (84%)
	Masculino	9 (16%)
Idade	---	23,3
Estado civil	Solteiro (a)	34 (59%)
	Casado (a)	15 (26%)
	Divorciado (a)	7 (13%)
	Viúvo (a)	2 (2%)
Escolaridade	Ensino superior incompleto	27 (46,5%)
	Ensino superior completo	18 (31%)
	Ensino médio completo	8 (13,8%)
	Ensino médio incompleto	3 (5,2%)
	Ensino fundamental incompleto	0 (0%)

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras (2026).

Ainda na seção de informações sociodemográficas dos respondentes, a questão referente à religião dos participantes evidenciou que a maioria se declarou adepta e/ou praticante do catolicismo (43,1%). Em contrapartida, religiões como o Candomblé (1,7%) e as Testemunha de Jeová (1,7%) apresentaram menos representatividade na amostra, entre outras denominações religiosas, conforme ilustrado no Gráfico 1.

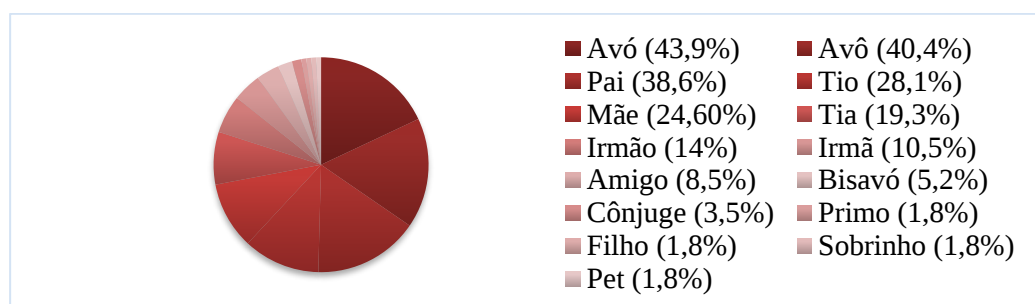
Gráfico 1 – Respostas à pergunta: “Qual é a sua religião?”.



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras (2026).

A partir da segunda seção do questionário, as perguntas buscaram contemplar experiências subjetivas associadas à religiosidade no enfrentamento do luto. Em relação à pergunta: “Você já perdeu um familiar ou alguém próximo?”, 57 participantes (98,3%), responderam “sim”, enquanto um participante (1,7%), respondeu “não”. As respostas à pergunta seguinte evidenciaram que a maioria dos participantes da pesquisa enfrentou perdas familiares, conforme apresentado no gráfico abaixo.

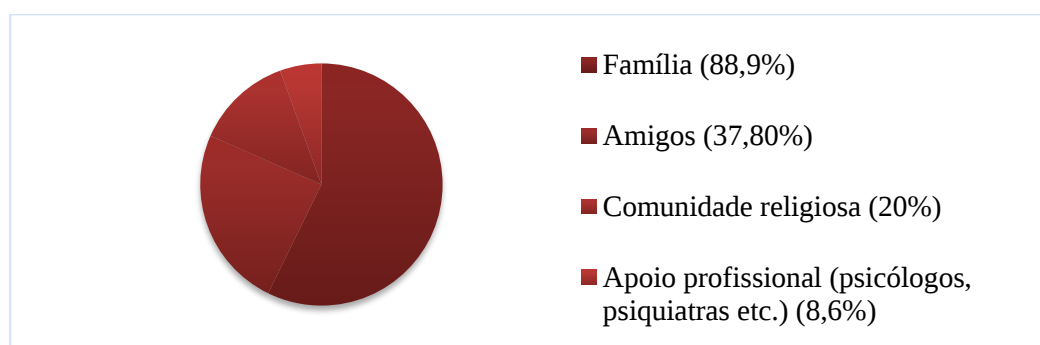
Gráfico 2 – Respostas à pergunta: “Especifique o grau de parentesco ou o tipo de relação, em casos de não parentes”.



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras (2026).

Ademais, os participantes foram questionados acerca da suficiência do apoio recebido para o enfrentamento do luto. Do total de respondentes, 78,9% (45) afirmaram que “sim”, e 21,1% (12) responderam que “não”. Os participantes que responderam afirmativamente foram direcionados a uma pergunta complementar, na qual indicaram as fontes de apoio que tiveram durante o processo de luto. Os resultados evidenciaram que a família constituiu a principal rede de apoio entre os respondentes.

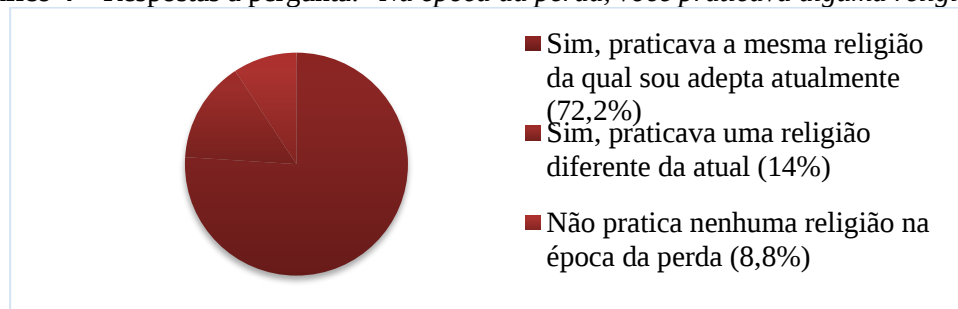
Gráfico 3 – Respostas à pergunta: “Se a sua resposta anterior foi ‘sim’, de onde veio esse apoio?”.



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras.

Na sequência, os participantes foram questionados sobre a prática de alguma religião à época da perda. Os 52 respondentes que afirmaram praticar a mesma religião desde a perda, bem como aqueles que praticavam uma religião diferente na época do falecimento, também responderam se a religião havia contribuído para o enfrentamento do luto. Dentre eles, 82,7% (43) sinalizaram que “sim”, e 17,3% (9) sinalizaram que “não”.

Gráfico 4 – Respostas à pergunta: “Na época da perda, você praticava alguma religião?”.



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras.



Os 43 participantes que afirmaram ter encontrado apoio em sua religião responderam, na questão seguinte, à pergunta “*De que formas você sente que a sua religião te ajudou no enfrentamento da perda?*”, descrevendo como esse apoio se manifestou. Os nove participantes que negaram ter encontrado apoio em sua religião para enfrentar o luto esclareceram os motivos dessa percepção na pergunta seguinte: “*Por que você sente que a sua religião não te ajudou no enfrentamento da perda?*”. À luz do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (2011, p. 65-72), as respostas a ambas as questões foram categorizadas e tabuladas, conforme apresentado nas tabelas a seguir:

Tabela 2 – Categorização e frequências absolutas e relativas das respostas à pergunta: “*De que formas a sua religião te ajudou no enfrentamento da perda?*”.

De que formas a sua religião te ajudou no enfrentamento da perda?	Fa (Fr)
Crença na vida após a morte	20 (46,5%)
Confiança nos planos divinos	15 (35%)
Práticas religiosas como distração do luto	15 (35%)
Oração como ferramenta de alívio emocional	14 (32,5%)
Morte como parte da vida	8 (18,5%)
Propósito cumprido	6 (14%)
<i>“A religião espírita me ajudou a enfrentar o luto ao me proporcionar o entendimento de que cada pessoa tem um caminho a seguir conforme seu tempo e missão. A crença na continuidade da vida e no reencontro com aqueles que amamos traz conforto e esperança nesse processo” [sic]</i> (Propósito cumprido + Crença na vida após a morte) <i>“A procura incessante por Deus, as orações por conforto, preenchimento do tempo com as orações para não pensar tanto no luto” [sic]</i> (Oração como ferramenta de alívio emocional + Práticas religiosas como distração do luto) <i>“A fé em Deus, a gente sabe que assim que nascemos um dia vamos morrer, Deus preenche o buraco que fica na gente, e que somos filhos de Deus assim como ele nós deu a vida ele pode nos tirar, e Deus me conforta essa perda até hoje” [sic]</i> (Morte como parte da vida + Confiança nos planos divinos)	

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Tabela 3 – Categorização e frequências absolutas e relativas das respostas à pergunta: “*Por que você sente que a sua religião não te ajudou no enfrentamento da perda?*”.

Por que você sente que a sua religião não te ajudou no enfrentamento da perda?	Fa (Fr)
Declínio da fé	3 (37,5%)
Experiência limitada pela idade	2 (25%)
Falta de apoio da comunidade religiosa	2 (25%)



Não praticante	1 (12,5%)
<i>“A religião, naquele momento, não me acolheu. As respostas que eu ouvia, como “foi a vontade de Deus” ou “Ele sabe o que faz”, me machucavam mais do que ajudavam. Soavam vazias diante da dor que eu sentia. Em vez de consolo, aquilo me causava mais raiva. Me perguntei se ele realmente estava lá, se existia de fato algum sentido nessa dor absurda. As respostas que a religião oferecia pareciam vazias, distantes, até cruéis. Em vez de encontrar paz na fé, encontrei um abismo. Me senti traída, pra mim naquele momento, a fé não me abraçou” [sic]</i> (Declínio da fé) <i>“Eu era criança, não entendia muito bem o que estava acontecendo” [sic]</i> (Experiência limitada pela idade) <i>“Não houve nenhum apoio nem das pessoas que convivem comigo lá no local” [sic]</i> (Falta de apoio da comunidade religiosa)	

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Os resultados da pergunta “Após a perda, você participou de algum tipo de ritual ou cerimônia fúnebre?” indicaram que 37 respondentes (64,1%) participaram de um ritual fúnebre após a perda do ente querido, enquanto 20 (35,1%) não participaram. Os participantes que afirmaram ter participado de uma cerimônia fúnebre compartilharam o significado atribuído ao ritual, tanto em termos pessoais quanto religiosos, além de esclarecerem se essa prática havia contribuído para um melhor enfrentamento do luto. Já os participantes que não participaram de rituais fúnebres refletiram sobre os impactos dessa ausência em seu processo de luto. A partir do método de análise de conteúdo de Bardin (2011, p. 65-72), as respostas às três perguntas supracitadas foram categorizadas e tabuladas, conforme apresentado nas Tabelas 4, 5 e 6. Ressalta-se que um participante não respondeu aos questionamentos referentes a esses dados.

Tabela 4 – Categorização e frequências absolutas e relativas das respostas à pergunta: “O que a realização desse ritual ou cerimônia fúnebre significa na sua religião e o que significou para você (o que você sentiu)?”.

O que a realização desse ritual ou cerimônia fúnebre significa na sua religião e o que significou para você (o que você sentiu)?	Fa (Fr)
Despedida	17 (47,2%)
Consolo espiritual	12 (33,3%)
Auxílio espiritual ao falecido	9 (25%)
Memória e reflexão	8 (22,2%)
Apoio da comunidade religiosa	2 (3,5%)
Experiência limitada pela idade	2 (5,5%)
Desconforto emocional	2 (5,5%)
Indiferente	2 (5,5%)



“Na visão espírita, o velório é um momento importante de despedida e respeito ao corpo físico, mas também de vibração e oração para auxiliar o espírito em sua transição para o plano espiritual.” [sic]

(Despedida + Auxílio espiritual ao falecido)

“A morte causa reflexão, traz uma autoavaliação muitas vezes [...] Fiquei triste obviamente, mas ao mesmo tempo feliz pelo legado que ela deixou, pela forma como será lembrada e pela esperança de vida que o evangelho traz, isso me conforta demais.” [sic]

(Memória e reflexão + Consolo espiritual)

“Na minha religião significa apoiar as pessoas em luto, pra mim significou muito ter apoio dos membros da Igreja, senti muito acalentado pelos membros da minha Igreja.” [sic]

(Apoio da comunidade religiosa)

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Dois participantes não justificaram suas respostas, o que impossibilitou sua categorização. Ainda assim, ambas foram consideradas nos cálculos das frequências absoluta e relativa. Um participante não respondeu a essa pergunta, totalizando 36 respostas válidas para análise.

Tabela 5 – Categorização e frequências absolutas e relativas das respostas à pergunta: “Você acha que a realização dessa (s) cerimônia (s) lhe ajudou a lidar com o luto? Explique por quê”.

Você acha que a realização dessa (s) cerimônia (s) lhe ajudou a lidar com o luto? Explique por quê.	Fa (Fr)
Consolo através de pressupostos religiosos	11 (57,9%)
Possibilidade de despedida	7 (36,8%)
Consolo através da comunidade religiosa	6 (31,5%)
Concretização da perda	5 (26,3%)
Amenização do sofrimento	3 (15,8%)
Desconforto emocional	2 (10,5%)
Ausência de significado pessoal	2 (10,5%)
Dificuldade na assimilação da perda	2 (10,5%)
Experiência limitada pela idade	1 (5,2%)
<i>“Sim, acredito que a realização da cerimônia me ajudou significativamente a lidar com o luto. Participar desse momento de despedida, guiado pelos princípios da minha religião, me proporcionou um espaço para expressar a dor da perda e, ao mesmo tempo, cultivar a fé de que a pessoa amada estava sendo acolhida espiritualmente. Através das orações e dos rituais, senti que estava contribuindo para a elevação daquela alma, o que me trouxe conforto, resignação e um sentimento de continuidade. Foi uma forma de transformar o sofrimento em esperança e de encontrar paz mesmo diante da ausência.” [sic]</i> (Possibilidade de despedida + Consolo através de pressupostos religiosos) <i>“Sim, porque é bom saber que eu posso contar com a ajuda de todos os membros da Igreja.” [sic]</i>	



(Consolo através da comunidade religiosa)

“Sim, pois os rituais me trouxe a concretude da perda.” [sic]

(Concretização da perda)

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

Dois participantes não justificaram suas respostas, o que impossibilitou a categorização destas, embora ambas ainda tenham sido consideradas para os cálculos de frequência relativa e absoluta. Um (1) participante não registrou resposta a essa pergunta, totalizando 36 coletas.

Tabela 6 – Categorização e frequências absolutas e relativas das respostas à pergunta: *Você acredita que não ter participado de algum tipo de ritual / cerimônia fez diferença no seu processo de enfrentamento ao luto? Explique por quê.*

Você acredita que não ter participado de algum tipo de ritual / cerimônia fez diferença no seu processo de enfrentamento ao luto? Explique por quê.	Fa (Fr)
Não / Sem impacto	3 (15,8%)
Não / Luto como processo particular / individual	2 (10,5%)
Sim / Ritual como potencializador do sofrimento	2 (10,5%)
Experiência limitada pela idade	2 (10,5%)
Sim / Ritual como facilitador de aceitação da perda	2 (10,5%)
Não / Confiança nos planos divinos	1 (5,3%)
Sim / Perda da oportunidade de despedida	1 (5,3%)
Não / Ausência de significado pessoal	1 (5,3%)
Não / Luto privado à família	1 (5,3%)
Indiferença	1 (5,3%)
Incerteza	1 (5,3%)
<i>“não, pois nunca fiz tanta questão de rituais e cerimônias fúnebres, portanto não senti tanto impacto na ausência do mesmo.” [sic]</i> (Sem impacto)	
<i>“Acredito que não fez diferença, pois o luto fica dentro de casa um, cada pessoa lida da sua forma. Pessoas demoram anos para lidar e aceitar o luto na sua vida. As vezes nem aceitam. Mas acredito que pra mim a cerimônia não iria colaborar muito só iria fazer eu sentir a dor e a angústia novamente.” [sic]</i> (Luto como processo particular / individual + Ritual como potencializador do sofrimento)	
<i>“Não. Foi realizado o ritual padrão: velório. E estar presente nesse momento ajudou a compreender a passagem do ente querido ao plano espiritual.” [sic]</i> (Ritual como facilitador de aceitação da perda)	

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.



9. Discussão

O presente estudo teve como objetivo explorar a vivência do luto a partir de práticas religiosas distintas. Das 57 respostas obtidas, considera-se que os objetivos foram alcançados, visto que, a partir do processo de identificação, análise e categorização dos dados relativos à religiosidade e à adesão a rituais fúnebres, emergiram temas como *crença na vida após a morte* (46,5%), *declínio da fé* (37,5%) e *auxílio espiritual ao falecido* (25%).

Em relação aos aspectos sociodemográficos, foi possível notar a predominância do sexo feminino e uma média de idade de 23,3 anos. No que tange às formas de apoio e seus impactos no enfrentamento do luto, 78,9% da amostra afirmou ter se sentido suficientemente apoiada, sendo a família, os amigos e a comunidade religiosa as fontes de suporte mais mencionadas.

Por fim, por meio de inferências e reflexões acerca dos dados obtidos com base na literatura especializada, infere-se que, de modo geral, crenças religiosas e rituais fúnebres favorecem a elaboração do luto.

Em suma, ainda que a amostra final tenha sido inferior à amostra prevista, os objetivos foram atingidos e subsidiaram a discussão que se segue.

Os pontos discutidos, com base na Teoria das Cinco Fases do Luto, neste estudo são: (a) as perspectivas acerca do luto e de rituais fúnebres sob a ótica das quatro religiões mais citadas pela amostra; (b) os impactos da rede de apoio, da religião e de rituais fúnebres no processo de enfrentamento do luto; e (c) os impactos de características sociodemográficas sobre a religiosidade e sobre a expressão do luto.

Desde os primórdios da humanidade, a morte é considerada um mistério de caráter insolucionável e devastador. A religião, enquanto ferramenta potencializadora de crenças espirituais, sempre fomentou reflexões e propôs suas certezas acerca da finitude (Kovács et al., 1992, p. 13, 28). No Brasil, o catolicismo impera como a religião que mais possui adeptos, seguida pela religião evangélica, pelo espiritismo e pela umbanda, respectivamente (IBGE, 2022, § 5), sendo que tais dados coincidiram com os resultados obtidos na população amostral deste estudo.

A descrição do catolicismo acerca da morte refere-se a um momento transitório entre vida terrena e vida espiritual; o corpo morre para que o espírito ascenda ao reino dos céus e desfrute da eternidade em comunhão com Deus e com aqueles que também já



padeceram (Saporetti; Silva, 2012, p. 562). Por conseguinte, os rituais fúnebres da religião católica (velórios, enterros, missas e orações) são formas de expressão do luto que se dão como cerimônias de despedida, cujos objetivos são interceder pela salvação da alma do morto e reafirmar a esperança do reencontro no mundo espiritual (Pereira; Pereira, 2023, p. 3033-3038).

Tal qual a religião católica, a religião evangélica é uma vertente do cristianismo que, de forma geral, compartilha da mesma crença de vida após a morte. No entanto, diante do luto, seu foco é voltado àqueles que estão vivos, pois os mortos não carecem de preocupação por estarem sob os cuidados de Deus, como aponta Leonildo Campos:

a ênfase reformada recai sobre os vivos que devem aprender, ouvir a mensagem e se preparar para que no momento oportuno venham, por sua vez, a enfrentar também a morte dentro de um clima de fé, certeza e esperança de vida eterna (Campos, 2016, p. 150-151).

Em ritos e rituais fúnebres, os evangélicos adotam uma postura voltada para o consolo dos vivos e dedicam-se à entoação de cânticos e leituras bíblicas. Para os adeptos e praticantes da religião espírita, a morte é apenas aquela do corpo físico, pois, quando falece, o indivíduo faz sua passagem, desencarna e retorna à sua forma original, que é o espírito (Saporetti; Silva, 2012, p. 562). De acordo com Maria Cristina Guarnieri (2001, p. 52) todo ser humano é um espírito encarnado, e que toda a sua vida na Terra é previamente e cuidadosamente escolhida e planejada pelo próprio espírito, como uma forma de acumular aprendizado e evolução por meio de experiências mundanas. Ainda segundo a autora supracitada, conforme as perspectivas dessa doutrina, o velório é um rito de passagem dedicado ao morto, e, enquanto tal, deve ser um momento carregado de simplicidade e de boas preces ao espírito que acabara de desencarnar (Guarnieri, 2001, p. 63). Além do mais, após a cerimônia, não é recomendado aos espíritas que se demorem no pesar do luto, pois, segundo Allan Kardec:

o Espírito é sensível à lembrança e às saudades daqueles que amou na Terra, mas uma dor incessante e fora de propósito o afeta penosamente, porque ele vê, nessa dor excessiva, falta de fé no futuro e de confiança em Deus e, por conseguinte, um obstáculo ao progresso e talvez ao reencontro com os que ficaram (Kardec, 2021, p. 537).

Por sua vez, a umbanda, que é uma religião afro-brasileira, também considera a morte como parte do processo de evolução do espírito, que, após o desencarne continua



sua jornada evolutiva (Nogueira; Gunlanda, 2022, p. 37). Por meio da cerimônia fúnebre, os umbandistas refletem sobre o legado do falecido, celebram-no como um novo ancestral e oferecem suporte para uma transição tranquila do indivíduo ao plano espiritual, por meio de oferendas, orações, cânticos e danças (Novo, 2025, p. 286-289). Ainda de acordo com o referido autor, está prevista a realização de ritos fúnebres no sétimo e trigésimo dia após a partida do falecido, assim como celebrações anuais durante datas de nascimento e falecimento e comunicação mediúnica (intuições, sonhos e incorporações, por exemplo).

Nota-se que, apesar de cada religião propor rituais fúnebres específicos, todos promovem apoio espiritual na tentativa de auxiliar no enfrentamento da dor (Almeida, 2014, p. 89). No âmbito da teoria proposta por Kübler-Ross (2008, p. 46), pode-se sugerir que a vivência do ritual fúnebre provoca uma quebra da fase de “Negação”, visto que a concretude do momento promove o contato direto com a realidade. Este movimento por sua vez, abre espaço para a vivência das demais fases, uma vez que a realidade é notada e, emocionalmente, não é mais possível manter o posicionamento de recusa à realidade.

Já Kovács et al. (1992, p. 21, 29) discutem que o terror à finitude é o cerne da existência humana e que a crença na vida após morte aplaca essa postura amedrontada, sendo a religião uma ferramenta crucial na construção dessa dinâmica, uma vez que um sistema de convicções sólidas acerca da morte fornece propósito, segurança e reduz níveis de tristeza e ansiedade diante do luto (Hood; Hill; Spilka, 2018, p. 496-498). Também é relevante mencionar que crenças religiosas muito rígidas podem provocar no devoto sentimentos de culpa, confusão e traição diante da perda (Saad; Medeiros, 2012, p. 133-135), características, inclusive, da fase da “Raiva” (Kübler-Ross, 2008, p. 56) marcada pelo sentimento de revolta diante da interrupção da vida e pelo movimento de culpar o divino. Enlutados com esse tipo de estratégia de enfrentamento (culpar Deus, se sentir punido, questionar o poder divino etc.) têm a tendência de apresentar uma maior intensidade do luto após uma conversa sobre a perda sofrida, ao passo que enlutados que não têm esse tipo de estratégia de enfrentamento tendem a expressar menos pesar (Lee; Gibbons; Bottomley, 2022, p. 4924).

Torna-se importante ressaltar que neste íterim entre o uso da religião como ferramenta de reconstrução ou como recurso de questionamento e revolta para com a divindade, há a possibilidade de interagir com o divino, por meio de pedidos com função de “trocas”, característica da fase da “Barganha” (Kübler-Ross, 2008, p. 87), ou seja, o



enlutado promete algo àquele *ser* que acredita ter o poder de mudar a situação em troca de comportar-se de uma maneira distinta. Kübler-Ross (2008, p. 89) afirma que normalmente as barganhas são feitas a Deus e tendem a ser guardadas em segredo.

McIntosh, Silver e Wortman (1993, p. 812, 814), através de um estudo longitudinal, analisaram o papel da religião diante da adaptação à perda sob duas variáveis: “Religious Participation” (Participação Religiosa) e “Importance of Religion” (Importância da Religião) (tradução nossa). Os autores confirmaram a hipótese de que a performance de práticas religiosas aumenta a percepção de apoio social, que por sua vez contribui positivamente para com respostas mais adaptativas do enlutado em relação à perda. Já a importância da religião, que está diretamente relacionada às percepções internas do indivíduo, propicia atribuição de sentido à morte, também contribuindo para com uma melhor adaptação ao luto. Essas constatações se relacionam com os resultados do presente estudo, no qual a comunidade religiosa foi identificada como uma das principais fontes de apoio relatada pelos participantes, ainda que em menor proporção que a família (McIntosh; Silver; Wortman, 1993, p. 816-819). Tais dados reforçam que o papel da religiosidade diante do luto se manifesta tanto em nível individual, quanto em nível coletivo.

Sendo assim, é pertinente refletir sobre o papel das redes de apoio durante o luto, com ênfase no apoio social que surge em contextos de religiosidade. Guarnieri (2001, p. 36) alega que “no luto, [...] partilhamos com os outros o fim de um semelhante e toda a emoção que o fato desperta no humano. Mas partilhamos, também, a realidade da vida com outros, estabelecemos vínculos que possibilitam o conhecimento entre as pessoas”. A partir de um estudo qualitativo com um grupo de apoio composto por pais recém-divorciados (vivência de luto simbólico), Weiss (1974, p. 19) constatou que o elo estabelecido entre os participantes não extinguiu a sensação de perda, mas a tornava mais fácil de ser manejada. O mesmo autor ainda propôs a existência de seis formas de apoio social, que se manifestam em diferentes tipos de relações e tendem a suprir as necessidades socioemocionais de cada indivíduo, sendo elas: “apego”, “integração social”, “vínculo confiável”, “orientação”, “reafirmação de valor” e “oportunidade de oferecer cuidado” (Weiss, 1974, p. 23-24, tradução nossa⁸).

⁸ *attachment, social integration, reliable alliance, guidance, reassurance of worth and opportunity for nurturance.*



A percepção do autor supracitado contribuiu para inferências a respeito da relevância das redes de apoio no que concerne às principais fontes de suporte relatadas neste estudo. Família, amigos e comunidade religiosa podem ser equiparados a quatro tipos de relações descritas por Weiss (1974, p. 23-24), sendo elas: “apego”, que se refere à sensação de conforto e segurança fornecida em uma relação, resultando em solidão e ansiedade quando o indivíduo não experimenta esse tipo de vínculo; “integração social”, que se refere à sensação de pertencimento a um grupo que compartilha dos mesmos gostos, crenças e hábitos, resultando em um estado de desinteresse pela vida quando o indivíduo não vivencia esse tipo de interação; “orientação”, que se refere à sensação de suporte e à possibilidade de planejamento por meio de uma figura de autoridade próxima, resultando na perpetuação do estresse diante da ausência desse tipo de relacionamento; “vínculo familiar confiável”, que se refere à sensação de suporte familiar inabalável, resultando em um sentimento de abandono e vulnerabilidade quando não há essa dinâmica.

Não por acaso, o presente estudo evidenciou a família (88,9%) como a principal rede de apoio no enfrentamento da perda, seguida por amigos (37,8%) e comunidade religiosa (20%). Este achado, assim como os de investigações anteriores, destaca o papel central da família no amparo a pessoas enlutadas (Pargament, 1997, p. 211; Aoun et al., 2018, p. 1379). Kübler-Ross (2008, p. 118), inclusive, ressalta a importância do apoio familiar na vivência do luto, especialmente na fase da “Aceitação”, momento em que a realidade se torna iniludível.

No entanto, Aoun et al. (2018, p. 1379) salientam que, embora haja diversos estudos que apontem a família como a principal fonte de apoio ao enlutado, não existem pesquisas suficientemente rigorosas que tenham investigado as formas como esse apoio é ofertado e porque ele é considerado útil. Koury (2014, p. 595) discute que, no Brasil, a fragilização dos vínculos tem sido perpetuada desde o início dos processos de urbanização, e que, como as manifestações emocionais em face da perda têm sido reprimidas, o núcleo familiar se destaca como um espaço cotidiano propício para expressão do luto.

Uma espécie de vergonha de expressão dos sentimentos parece emergir [...] concomitantemente, porém, também como movimento de intimidade, vê-se um desejo de se ser descoberto e acalentado pelo outro [...] o individualismo tende a se estabelecer como a nova forma da



sensibilidade do homem urbano [...] o que aumenta o sofrimento social do não saber como agir entre os que sofrem a perda e os que têm de lidar com ela em relação aos relacionais em luto (Koury, 2014, p. 610).

Assim sendo, é imprescindível refletir sobre a importância de rituais religiosos, pois eles são ferramentas de potente integração comunitária e cultural (Hood; Hill; Spilka, 2018, p. 216-217; Souza; Souza, 2019, p. 5), fortalecem a identidade grupal (Catton, 1996, p. 78) e agem como elementos de distração do luto (Hood; Hill; Spilka, 2018, p. 217). A experiência do luto atrelada especificamente a rituais fúnebres representa uma oportunidade de assimilação da perda por meio do “poder simbólico” (Camara; Bassani, 2023, p. 144, 150). Souza e Souza (2019, p. 2) se referem aos rituais fúnebres como “demarcadores de um estado de enlutamento, com função simbólica de reconhecimento da importância da perda e [...] daquele ente que foi perdido”. Guarnieri (2001, p. 36) reflete que os ritos e rituais fúnebres “[...] são necessários para auxiliar na localização da morte e na integração simbólica deste acontecimento em nossa vida cotidiana”, pois os rituais fúnebres captam aquilo que escapa à realidade, aquilo que não pode ser expresso por palavras, sendo mais do que um conjunto de etapas manuais e metódicas; “um ato que se prolonga para além do ato em si” (Souza; Souza, 2019, p. 2).

Visto que “[...] a morte física e a morte social não acontecem simultaneamente” (Parkes, 1998, p. 193), os rituais fúnebres assumem a função de marco inicial do reconhecimento do luto e da inevitabilidade da morte, possibilitam apoio social e melhor integração da perda à realidade, além de estarem relacionados a uma baixa incidência de luto complicado e de outros problemas relacionados à saúde mental (Kovács et al., 1992, p. 30; Pargament, 1997, p. 243-244; Parkes, 1998, p. 35, 197; Hood; Hill; Spilka, 2018, p. 480, 488; Souza; Souza, 2019, p. 1-2). Diante de tais considerações, é relevante discutir os resultados do presente estudo, uma vez que 35,1% da amostra relatou não ter participado de rituais fúnebres durante o processo de luto.

Como disposto na Tabela 6, os motivos da não participação em rituais fúnebres e as percepções dos impactos decorrentes dessa renúncia foram variados, destacando-se, aqui, as respostas que avaliaram o ritual fúnebre como possível potencializador do luto e como uma experiência de difícil assimilação devido à idade. De acordo com Parkes (1998, p. 199-201), os rituais fúnebres também podem desencadear sentimentos negativos nos participantes. No entanto, o suporte social e a possibilidade de expressão da religiosidade, também ofertados por meio da participação em rituais fúnebres, são considerados



recursos valiosos para o enlutado. A respeito dos sentimentos aversivos, pode-se considerar o sentimento de tristeza. Kübler-Ross (2008, p. 92) inclusive, ao descrever a “Fase da Tristeza” ressalta que tal expressão é um sentimento normal e esperado frente ao luto, sendo necessário que haja compreensão da rede de apoio para que ele não se intensifique.

Nesse sentido, Camara e Bassani (2023, p. 150) compartilham da perspectiva de que o valor atribuído aos rituais fúnebres está diretamente relacionado ao tempo de assimilação da perda, uma vez que cada indivíduo tem seu próprio ritmo e ainda há uma espécie de ordem a ser seguida que inclui “[...] tanto o ambiente quanto o tempo de realização e ainda o tempo preparatório”. Parkes (1998, p. 195) endossa esse achado ao afirmar que a participação precoce em rituais fúnebres pode resultar em uma ausência de atribuição de valor psicológico positivo, mas que “não basta, porém, recomendar que seja feito o ritual; é necessário acreditar nele” (Parkes, 1998, p. 197).

Considerações finais

Os resultados deste estudo sugerem que a religião e os rituais fúnebres são cruciais no enfrentamento ao luto, oferecendo suporte emocional, atribuição de sentido à perda e integração social. As redes de apoio, em especial a família, mostraram-se fundamentais para os enlutados, confirmando achados prévios da literatura científica disponível. Por outro lado, a não participação em rituais fúnebres e crenças religiosas rígidas também se revelaram como elementos que podem potencializar o sofrimento, evidenciando que a experiência do luto é marcada por múltiplas variáveis pessoais e contextuais.

É relevante ressaltar que a coleta de dados foi realizada online, o que restringiu a abrangência da amostra ao excluir indivíduos sem acesso à internet e sem letramento digital, resultando em uma composição majoritária de pessoas de classe média, jovens universitários e cristãos, o que não permite generalizações mais amplas. Futuras pesquisas podem dedicar-se à ampliação do alcance metodológico, incluindo entrevistas presenciais, diferentes regiões do país, amostras mais heterogêneas em termos de religião e classe social e discussões com fundamentos religiosos e filosóficos. Também se faz necessário investigar, de maneira mais profunda, os motivos pelos quais a religião e os



rituais fúnebres podem atuar tanto como recursos de enfrentamento quanto como potencializadores de sofrimento durante o processo de luto.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. Espiritualidade e resiliência: enfrentamento em situação de luto. *Revista Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 72-91, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26807/18505>. Acesso em: 27 mai. 2026.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-4 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-5 - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.
- AOUN, Samar *et al.* What sources of bereavement support are perceived helpful by bereaved people and why? Empirical evidence for the compassionate communities approach. *Palliative Medicine*, v.32, n. 8, p. 1378-1388, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0269216318774995>. Acesso em: 21 abr. 2026.
- BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. Tradução: Luís Antero Reto; Augusto Pinheiro. 1. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRASIL. Resolução nº 466 de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Diário Oficial da União nº 12*, Seção 1, Brasília, DF, 13 de junho de 2013, p. 59-62. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/DOU/2013/06/13>. Acesso em: 21 abr. 2026.
- CAMARA, Sergio Lucas; BASSANI, Marlise Aparecida. A importância dos rituais diante da morte. *Fragmentos de Cultura*, v. 33, p. 141-153, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.18224/frag.v33iEsp.13497>. Acesso em: 21 abr. 2026.
- CAMPOS, Leonildo Silveira. Protestantes brasileiros diante da morte e do luto: observações sobre rituais mortuários. *Revista de Estudos da Religião (REVER)*, v. 16, n. 3, p. 144-173. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.21724/rever.v16i3.31185>. Acesso em: 21 abr. 2026.
- CASELLATO, Gabriela. (coord.). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2020a.
- CASELLATO, Gabriela. Introdução. In: CASELLATO, Gabriela (org.). *Luto por perdas não legitimadas na atualidade*. São Paulo: Summus Editorial, 2020b, p. 15-24.
- CATTON, William Robert. Functionalism and evolution. In: CATTON, William Robert. *From animistic to naturalistic sociology*. [s.l.]: McGraw Hill, 1996. p. 75-80.



DALGALARRONDO, Paulo. *Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed, 2019.

FRANCO, Maria Helena Pereira. *O luto no século 21: uma compreensão abrangente do fenômeno*. São Paulo: Summus Editorial, 2021.

FREITAS, Joanneliese de Lucas. Luto, pathos e clínica: uma leitura fenomenológica. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 50–57, jan. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-656420160151>. Acesso em: 21 abr. 2026.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 7. ed. Barueri: Atlas, 2019.

GUARNIERI, Maria Cristina Mariante. *Morte no corpo, vida no espírito: o processo de luto na prática espírita da psicografia*. 2001. 141 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/1892>. Acesso em: 21 abr. 2026.

HOOD, Ralph Wilbur.; HILL, Peter C.; SPILKA, Bernard. *The psychology of religion: an empirical approach*. 5. ed. Nova Iorque: The Guilford Press, 2018.

IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA). *Censo 2022: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país*. [s.l.]: IBGE, 2022. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 21 abr. 2026.

KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos* (1857). Tradução: Evandro Noleto Bezerra. 1. ed. Brasília: FEB Editora, 2021.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O luto no Brasil no final do século XX. *Caderno CRH*, v. 27, n. 72, p. 593-612, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792014000300010>. Acesso em: 21 abr. 2026.

KOVÁCS, Maria Júlia *et al.* *Morte e Desenvolvimento Humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. Prefácio. In: CASELLATO, Gabriela. *Luto por perdas não legitimadas a atualidade*. 1. ed. São Paulo: Summus, 2020, p. 9.14.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

LEE, Sherman Aclaricion.; GIBBONS, Jeffrey. A.; BOTTOMLEY, Jamison S. Spirituality influences emotion regulation during grief talk: the moderating role of prolonged grief symptomatology. *Journal of Religion and Health*, v. 61, p. 4923-4933. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10943-021-01450-z>. Acesso em: 21 abr. 2026.



MARIN, Angela Helena *et al.* Delineamentos de Pesquisa em Psicologia Clínica: Classificação e Aplicabilidade. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 41, p. 1-17, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003221647>. Acesso em: 21 abr. 2026.

MCINTOSH, Daniel Newman.; SILVER, Roxane Cohen.; WORTMAN, Camille. Religion's role in adjustment to a negative life event: coping with the loss of a child. *Journal of Personality and Social Psychology*, v. 65, n. 4, p. 812-821, 1993. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0022-3514.65.4.812>. Acesso em: 21 abr. 2026.

NOGUEIRA, Gisleine Ana Mafra; GUNLANDA, Orlando Afonso Camutue. O sentido da morte nas experiências dos sujeitos umbandistas e seus efeitos na vivência do processo de luto. *Monumenta - Revista de Estudos Interdisciplinares*, v. 3, n. 6, p. 31-58. 2022. Disponível em: <https://monumenta.emnuvens.com.br/monumenta/article/view/130>. Acesso em: 21 abr. 2026.

NOVO, Adriano. *A bíblia sagrada da umbanda (sabedoria de umbanda)*. 1. ed. São Paulo: UICLAP, 2025.

PARGAMENT, Kenneth I. *The psychology of religion and coping: theory, research, practice*. Nova Iorque: The Guilford Press, 1997.

PARKES, Colin Murray. *Luto: estudos sobre a perda na vida adulta*. 3. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

PEREIRA, Valentina da Silva Dias.; PEREIRA, Antônio Renaldo Gomes. O comportamento ritual diante da morte em comunidades tradicionais do sertão baiano. *Contribuciones a Las Ciencias Sociales*, São José dos Pinhais, v. 16, n. 5, p. 3032-3050. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.55905/revconv.16n.5-066>. Acesso em: 21 abr. 2026.

ROSENBLATT, Paul. Grief: the social context of private feelings. *Journal of Social Issues*, v. 44, n. 3, p. 67-78, out. 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1988.tb02077.x>. Acesso em: 21 abr. 2026.

SAAD, Marcelo.; MEDEIROS, Roberta de. Spiritual-religious coping: health services empowering patients resources. In: SAAD, Marcelo; MEDEIROS, Roberta de. *Complementary Therapies for the Contemporary Healthcare*. [s.l.]: IntechOpen, 2012. p. 127-144. Disponível em: <https://www.intechopen.com/chapters/40016>. Acesso em: 21 abr. 2026.

SAPORETTI, Luís Alberto.; SILVA, Alini Maria Orathes Ponte Silva. Aspectos particulares e ritos de passagem nas diferentes religiões. In: CARVALHO, Ricardo Tavares de.; PARSONS, Henrique Afonseca. (Orgs.). *Manual de cuidados paliativos ANCP*. 2. ed. São Paulo: [s.n.], 2012. p. 556-566. Disponível em: <https://biblioteca.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/05/Manual-de-cuidados-paliativos-ANCP.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2026.



SOUZA, Christiane Pantoja de.; SOUZA, Airle Miranda de. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 35, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Acesso em: 21 abr. 2026.

WEISS, Robert Stuart. The provisions of social relationships. In: RUBIN, Zick. *Doing unto others*. [s.l.]: Prentice Hall, 1974. p. 17-26.